

Cómo citar en APA: Souza, Ney & Tiago Cosmo da Silva Dias (2023). A coragem e o profetismo de Bento XV: um necessário resgate histórico. *Cuestiones Teológicas*, 50(113), 1-13. doi: <http://doi.org/10.18566/cueteo.v50n113.a01>  
Fecha de recepción: 24.03.2022 / Fecha de aceptación: 17.05.2022

# A CORAGEM E O PROFETISMO DE BENTO XV: UM NECESSÁRIO RESGATE HISTÓRICO

Benedict XV's courage and prophetism: a necessary historical rescue

NEY DE SOUZA<sup>1</sup>   
TIAGO COSMO DA SILVA DIAS<sup>2</sup> 

## Resumo

O artigo pretende expor a ousadia e, ao mesmo tempo, a coragem evangélica do papa Bento XV, que governou a Igreja de 1914 a 1922, no período da Primeira Guerra Mundial, para a qual o pontífice lançou diversas críticas e exortações de paz aos beligerantes, ainda que sem sucesso. Por meio de averiguação bibliográfica em autores da história eclesiástica, faz-se um breve relato do contexto histórico em que Bento XV foi eleito, com ênfase na Primeira Guerra Mundial, para se destacar sua atuação diante do conflito. Ao mesmo tempo, destaca-se sua firmeza na redação da Carta Apostólica *Maximum Illud*, no contexto das atividades missionárias, que também acabou por desagradar algumas alas da Igreja pela sua firme postura ao dizer, por exemplo, que congregação alguma é dona de determinado território, mas deve ali se instalar até que se forme um clero local. Analisando a conduta de Bento XV diante de ambas as situações, constata-se que foi um papa que sempre soube dizer a

- 1 Pós Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Doutor em História Eclesiástica pela Universidade Gregoriana de Roma. Docente do Programa de Estudos Pós-Graduação em Teologia da PUC-SP. Líder do Grupo de Pesquisa 'Religião e Política no Brasil Contemporâneo' (PUC-SP/CNPq). E-mail: nsouza@pucsp.br.
- 2 Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Participa do Grupo de Pesquisa 'Religião e Política no Brasil Contemporâneo' (PUC-SP/CNPq). E-mail: pe.tiagocosmo@gmail.com.

verdade e não se preocupou com a popularidade, razão pela qual acabou por se tornar uma personagem esquecida ou pouco explorada. Nesse sentido, este texto também procura resgatar a incansável atuação de Bento XV e saudá-la, trazendo-o para o rol de um dos importantes pontificados do século XX.

## Palavras-Chave

Bento XV; Papa; Pontificado; Primeira Guerra Mundial; 1917; Conflito; *Maximum Illud*; Profetismo; História; Papado.

## Abstract

The article intends to expose the boldness and, at the same time, the evangelical courage of Pope Benedict XV, who ruled the Church from 1914 to 1922, during the First World War, for which the pontiff launched several criticisms and exhortations for peace to the belligerents, albeit unsuccessfully. Through bibliographic investigation in authors of ecclesiastical history, a brief account of the historical context in which Benedict XV was elected is made, with emphasis on the First World War, to highlight his performance in the face of the conflict. At the same time, his firmness in the writing of the Apostolic Letter *Maximum Illud*, in the context of missionary activities, is highlighted, which also ended up displeasing some wing of the Church for its firm posture when saying, for example, that no congregation owns a certain territory, but he must settle there until a local clergy is formed. Analyzing the behavior of Benedict XV in the face of both situations, it appears that he was a pope who always knew how to tell the truth and did not worry about popularity, which is why he ended up becoming a forgotten or little explored character. In this sense, this text also seeks to rescue the tireless performance of Benedict XV and salute it, bringing him to the role of one of the important pontificates of the 20th century.

## Keywords

Benedict XV; Pope; Pontificate; First World War; 1917; Conflict; *Maximum Illud*; Prophecy; History; Papacy.

## Resumen

El artículo expone la audacia y, al mismo tiempo, el coraje evangélico del Papa Benedicto XV, que gobernó la Iglesia de 1914 a 1922, durante la Primera Guerra Mundial, por lo que el pontífice lanzó varias críticas y exhortaciones por la paz a los beligerantes, aunque sin éxito. A través de una revisión bibliográfica de autores sobre historia eclesíastica, se hace un breve recuento del contexto histórico en el que Benedicto XV fue elegido, haciendo énfasis en la Primera Guerra Mundial, para destacar su actuación frente al conflicto. Al mismo tiempo, se destaca su firmeza en la redacción de la Carta Apostólica *Maximum Illud*, en el contexto de las actividades misioneras, que también generó reacciones por parte de algunos sectores de la Iglesia por sus posturas firmes, por ejemplo, con la situación de las Congregación frente a la propiedad de los territorios donde tenía acción, sino que debe establecerse allí hasta que se formara un clero local. Analizando el comportamiento de Benedicto XV

ante ambas situaciones, se encuentra un pontífice respetuoso por la verdad y no se preocupó por la popularidad, por lo que acabó convirtiéndose en un personaje olvidado o poco explorado. En este sentido, este texto también busca rescatar la incansable actuación de Benedicto XV, que lo llevó a convertirse en uno de los pontificados importantes del siglo XX.

## Palabras clave

Benedicto XV; Papa; Pontificado; Primera Guerra Mundial; 1917; Conflicto; *Maximum Illud*; Profecía; Historia; Papado.

## Introdução

No dia 3 de setembro de 1914, o cardeal Giacomo Della Chiesa foi eleito bispo diocesano de Roma. O nome escolhido foi Bento XV, pelo fato de que, cerca de dois séculos antes, o cardeal Lambertini (1675-1758), que como ele também havia sido arcebispo de Bolonha, tornara-se papa e escolhera o nome de Bento XIV (1740-1758). Era uma espécie de homenagem.

O conclave aconteceu em um dos períodos mais duros e difíceis da história: fazia um mês que havia estourado o primeiro conflito mundial. Apesar disso, dos 65 cardeais com direito a voto, 60 conseguiram chegar a Roma com tranquilidade. Pio X havia falecido no dia 20 de agosto, e deixara diversas normas quanto ao conclave, que foram obedecidas estritamente.

À época, a eleição de Bento XV fora inesperada, até porque fazia pouco tempo que ele havia sido nomeado cardeal. O que contou para sua indicação foi sua experiência diplomática. Sua coroação não aconteceu na Basílica de São Pedro, como pedia a Tradição, mas na Capela Sistina, de modo mais reservado, para que o evento tivesse um caráter mais religioso e evitasse a impressão de muita festividade durante um tempo de guerra e infelicidade humana (Mcbrien, 2013, p. 362).

Em seu rico Magistério nos encontramos com a angústia de um homem que clama pela paz em meio a um deserto de indiferença e de ódio desenfreado. Bento XV se esforça não apenas por apontar as raízes da guerra, mas também por recordar quais deveriam ser as bases para uma paz real e verdadeira. Poucos governantes escutaram a sua voz, porém, o tempo evidenciaria que não faltava razão ao papa da Igreja, pois uma paz mal firmada e não fincada na justiça levaria, cedo ou tarde, ao desencadeamento de um novo conflito. (Monsalve, 2016, p. 112)

Bento XV, porém, é um papa “esquecido”. Pouco se fala acerca de seu pontificado, que teve também os seus “momentos de glória” e, nesse sentido, foi promissor. A razão pela qual Bento XV passa, às vezes, como um pontificado inexpressivo é simples: algumas vezes, o papa acabava por ser muito autêntico em seus posicionamentos, razão pela qual acabou desagradando algumas alas da Igreja. É por essa razão que, aqui, propõe-se uma espécie de recessão sintética do seu pontificado, na tentativa de trazê-lo como um importante papa do século XX, e não alguém que, talvez, tenha apenas feito uma simples transição.

Neste intuito, o artigo está dividido em quatro sessões. A primeira faz um breve relato histórico sobre a personagem Giacomo Della Chiesa, que veio a se tornar Bento XV. Na segunda, o foco se volta à Primeira Guerra Mundial propriamente dita, para então se verificar qual foi a atuação do papa diante do conflito em escala mundial. Em um terceiro momento, retoma-se a Carta Apostólica *Maximum Illud*, na qual o papa aponta perspectivas importantes para o trabalho missionário. Na última, destaca-se porque se pode falar, efetivamente, de profetismo a partir de Bento XV.

## 1. Algumas questões do conclave e o programa de pontificado

Giacomo Paolo Batista Della Chiesa nasceu em Pegli (Gênova), no dia 21 de novembro de 1854. Era filho do marquês Giuseppe e de Giovanna Migliorati, e tinha dois irmãos e uma irmã. Tendo concluído o ginásio, passou a frequentar o seminário arquidiocesano, onde estudou filosofia; a seguir, inscreveu-se na Universidade de Gênova, onde se formou em jurisprudência, no ano de 1875. Sentindo-se chamado ao sacerdócio, fez teologia em Roma. Sua ordenação sacerdotal ocorreu no dia 21 de dezembro de 1878, e ainda por quatro anos continuou os seus estudos na Academia dos Nobres, depois dos quais passou para a Congregação dos Assuntos Extraordinários. Foi secretário da Nunciatura, em Madrid, com o famoso cardeal Rampolla del Tindaro (1843-1913), que quando foi nomeado secretário de estado, Della Chiesa tornou-se seu substituto (1901). Apesar da exaustiva atividade diplomática, o jovem padre encontrou tempo para se dedicar também à atividade pastoral na igreja de Santo Eustáquio, realizando conferências no pensionato da Santíssima Trindade.

Em 1907, Della Chiesa foi nomeado arcebispo de Bolonha, pelo papa Pio X. O papa quis consagrá-lo pessoalmente, no dia 21 de dezembro daquele ano. Em Bolonha, sua referência foi o cardeal Lambertini, cuja recordação sempre quis manter viva. Mondin (2007, p. 628) destaca que, na qualidade de arcebispo, Giacomo visitou as 390 paróquias da diocese, manteve um conselho de decanos e reuniu duas vezes junto de si (1910 e 1913) os seus bispos sufragâneos. Foi elevado à dignidade cardinalícia no dia 25 de março de 1914, poucos meses antes da morte de Pio X. Segundo Martina (2014, p. 129), a demora entre a nomeação ao arcebispado e, depois, o cardinalato, deu-se pelo fato de que Della Chiesa divulgava com tranquilidade seus pontos de vista, nem sempre idênticos aos de Pio X.

Pio X faleceu no dia 20 de agosto do mesmo ano, com 80 anos de idade e 11 de pontificado. O conclave que se abriu, no dia 31 de agosto, foi, segundo Martina (2014, p. 129), palco do encontro entre os defensores da severa política antimodernista do pontífice morto e todos os que desejavam uma linha de desanuviamento. Os primeiros se voltaram ao cardeal Serafini (1852-1918), beneditino, que já era assessor do Santo Ofício e, como tal, envolvera-se em muitas medidas repreensivas; os outros, por sua vez, viam com benevolência o cardeal Della Chiesa, antigo secretário de Estado de Leão XIII, cuja presença prevaleceu, no que dizia respeito aos votos necessários à eleição (dois terços).

Eleito papa, àquela altura três tarefas fundamentais se impunham ao novo pontífice: a composição das *querelas* entre integristas e católicos mais abertos; uma obra de paz para evitar a ampliação do conflito apressar sua solução e aliviar suas dores; a composição da Questão Romana (Mondin, 2007, p. 129). Bento XV, porém, na sua encíclica programática, *Ad beatissimi apostolorum principis*, destacou o quanto a realidade da Guerra o afligia:

Por isso quando, deste lugar da apostólica dignidade, pudermos contemplar o curso dos acontecimentos humanos, vendo-nos diante da mísera condição da sociedade civil, experimentamos uma profunda dor. Como poderia ter acontecido que, tornando-nos pai de todos os homens, não sentíssemos despedaçar o coração ao espetáculo da presença da Europa e, com ela, do mundo todo nesse tétrico espetáculo, o mais enlutado da história? Parecem chegados aqueles dias preditos assim por Jesus: “Havereis de ouvir sobre guerras e rumores de guerras... Pois se levantará nação contra nação e reino contra reino” (Mt 24,6-7). (Bento XV, 2002, p. 297)

Aqui se optou por recordar duas iniciativas, ao menos, em que o papa se sobrepôs, uma em perspectiva *ad extra* e outra *ad intra*: *ad extra*, seu posicionamento em relação à Guerra; *ad intra*, no que diz respeito à sua intervenção quanto à atividade missionária da Igreja.

## 2. Bento XV diante do caos da Primeira Guerra

No início do século XX, era grande a tensão e a rivalidade entre os governos das grandes potências europeias, como Alemanha, França e Inglaterra. Isso resultava em disputas territoriais e por mercados, tanto na Europa quanto fora dela. Ao mesmo tempo, o governo de cada país industrializado procurava dificultar a expansão econômica dos demais, fechando seus mercados aos produtos importados e tentando impedir a expansão do império colonial dos concorrentes.

Ligados a essa realidade, havia os movimentos nacionalistas, que pretendiam agrupar sob um mesmo Estado povos de matrizes culturais semelhantes, o que levava a um desejo de expansão territorial. Entre os principais movimentos figuravam o pan-eslavismo, que era liderado pelo governo russo e queria unir todos os povos eslavos da Europa Oriental, e o pangermanismo, que pretendia anexar à Alemanha os territórios da Europa Central onde viviam os germânicos. Havia ainda o chamado revanchismo francês, através do qual o governo da França visava recuperar os territórios da Alsácia-Lorena, região rica em minério de ferro e carvão. Esse clima de rivalidades deu início à chamada paz armada: diante do risco da guerra, iniciou-se uma corrida armamentista entre as potências, que fortaleceram seus exércitos e formaram alianças políticas (Cotrim, 2005, p. 416). No fundo:

[...] O caos global da guerra tornou evidente que os principais valores da Modernidade estavam em crise: a absolutização moderna da razão, do progresso, da nação e da indústria. A total crença na razão, no progresso, no nacionalismo, no capitalismo e no socialismo fracassara. A Europa estava pagando um preço alto com os movimentos reacionários do fascismo, nazismo e comunismo. Esses movimentos idealizavam de uma maneira moderna a raça e a classe, e seus líderes impediram uma ordem mundial nova e melhor. (Souza, 2020, p. 347)

Os governos das grandes potências decidiram firmar tratados de aliança entre si, com o objetivo de somar forças e enfrentar os rivais. Depois de muitas negociações, a partir de 1907 a Europa se viu dividida entre a *tríplice aliança*, formada inicialmente por Alemanha, Áustria e Itália; e *tríplice entente*, constituída por Inglaterra, França e Rússia. Houve alterações posteriores, como no caso da Itália, que passou para o lado entente em 1915. O fato, porém, é que as crises foram aumentando, a ponto de qualquer incidente poder dar início à guerra.

[...] A Primeira Guerra Mundial envolveu *todas* as grandes potências, e na verdade todos os Estados europeus, com exceção da Espanha, os Países Baixos, os três países da Escandinávia e a Suíça. E mais: tropas do ultramar foram, muitas vezes pela primeira vez, enviadas para lutar e operar fora de suas regiões. (Hobsbawn, 2016, p. 31)

O estopim da Primeira Guerra Mundial foi o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austríaco, e de sua esposa, na cidade de Sarajevo (Bósnia), no dia 28 de junho de 1914 (Sondhaus, 2013, p. 55). O autor do crime foi o estudante Gravrilo Princip, pertencente à organização secreta nacionalista Unidade ou Morte, que tinha o apoio do governo sérvio (ligado ao governo russo). Naquelas circunstâncias históricas, o assassinato provocou uma reação militar da Áustria contra a Sérvia. Devido à política de alianças, muitas outras nações entraram em conflito.

Seguida à invasão da Sérvia pelo exército austríaco, no dia 28 de julho a Áustria declarou guerra à Sérvia; dia 29, em apoio à Sérvia, a Rússia mobilizou seus exércitos contra a Áustria e a Alemanha; dia 1 de agosto, a Alemanha declarou guerra à Rússia e, posteriormente, à França; dia 4, para atingir a França, os exércitos alemão e austríaco invadiram a Bélgica (neutra); e, no dia 5, a Inglaterra declarou guerra à Alemanha (Cotrim, 2005, pp. 417-418).

A Guerra durou cerca de quatro anos, de 1914 a 1918, envolvendo dois grandes blocos rivais: de um lado, as forças militares da Alemanha, Turquia, Bulgária e do Império Austro-Húngaro; de outro, as da França, Inglaterra, Rússia, Bélgica, Sérvia, Itália, Grécia, do Japão e dos Estados Unidos, entre outros.

Foi nesse contexto que Bento XV subiu à Sé de Pedro: fazia pouco mais de um mês que a calamidade da Guerra havia iniciado. A todo instante, o novo papa destacava o quanto aquele conflito era prejudicial à humanidade:

Rezamos, pois, com todas as forças e esconjuramos os que regem a sorte dos povos a deixarem de lado suas discordâncias, para a salvação da sociedade humana. Considerem como já demasiados os lutos e misérias que acompanham esta vida mortal, para que isso não se estenda por longo tempo, trazendo mais miséria e luto; bastem as ruínas já produzidas, baste o sangue humano já derramado; apressem-se, portanto, a colher no ânimo sentimentos de paz e a estender reciprocamente a mão; terão, assim, para eles próprios e para suas respectivas nações a recompensa de Deus; tornar-se-ão altamente beneméritos pela civilização, e a nós farão a coisa mais agradável e desejada; a nós, que de tão grave perturbação de coisas vemos não poucos entraves, desde o princípio, ao nosso apostólico ministério (Bento XV, 2002, pp. 294-295).

A questão que se coloca, neste caso, é onde residiriam o profetismo e a coragem de Bento XV, no que tange à Guerra. De acordo com Martina (2014), na Itália, por exemplo, professava-se um sincero entusiasmo pela causa da própria pátria, que se coloria muitas vezes de motivações religiosas. Em outras partes, como na França e na Alemanha, fazia-se apelos à uma forte unidade que devia reinar, naqueles momentos difíceis, entre todos os cidadãos. Em Paris, no dia 4 de agosto, Poincaré (1860-1934) apelava para a *union sacré* de todos os franceses, de qualquer religião ou tendência política. Os católicos, justamente porque haviam sido banidos por decênios, sentiam-se no dever de mostrar que justamente eles eram cidadãos como os outros, decididos a se sacrificar para defender a pátria (pp. 130-131).

Nesse contexto geral emerge a grandeza de Bento XV, disposto a desafiar qualquer impopularidade para realizar sua missão de paz: é fácil compreender que ele, duramente criticado durante sua vida, tenha depois conseguido a aprovação de todos os historiadores, que o consideram, com unanimidade, um dos maiores pontífices do século XX. (Martina, 2004, p. 133)

De fato, a condenação da guerra constitui um motivo primordial do magistério de Bento XV, que não se cansou de reafirmar em cartas abertas a cada um dos personagens, em alocuções ou encíclicas, a sua dor, a sua indignação e a sua incurável amargura. Para o papa, o desprezo e o maltrato da pessoa humana e, conseqüentemente, aos seus direitos fundamentais são a verdadeira causa do conflito europeu (Monsalve, 2016, p. 114):

Conceda-nos Deus misericordioso que, tal como ocorreu ao manifestar-se o divino Redentor sobre a terra, assim ao iniciar-se a incumbência de ser o seu vigário, ressoe a angélica voz que anuncia a paz: “Paz na terra aos homens por ele amados” (Lc 2,14). Pedimos que ouçam essa voz os que têm em suas mãos os destinos dos povos. Certamente existem outros caminhos e outras maneiras em que os direitos possam ser respeitados; depostas as armas, possam a eles recorrer, sinceramente animados de reta consciência e espírito desejoso. É a caridade para com eles e todas as outras nações que assim nos faz falar, não para nosso próprio interesse. Não permitais, portanto, que caia no vazio a nossa voz de pai e amigo. (Bento XV, 2002, p. 298)

A guerra, para o pontífice, era um “inútil massacre” (1 de agosto de 1917), o “suicídio da Europa civil” (4 de março de 1916) e “a mais tenebrosa tragédia da loucura humana” (4 de dezembro de 1916). As palavras contidas na nota de 1917, “massacre inútil” (n. 11), introduzidas e mantidas pelo pontífice contra a vontade de seus colaboradores, não aludiam somente à esterilidade dos esforços militares naquele momento, mas tinham um significado mais amplo e geral: condenar a guerra enquanto tal (Martina, 2014, pp. 134-135).

Nesta nota, chamada *Dès le début*, o papa propunha como base o desarmamento (n. 5), a liberdade dos mares (n 6), a recíproca quitação das despesas da guerra (n. 7), a restituição dos territórios ocupados (n. 8), a solução em espírito e equidade das questões territoriais entre Alemanha e França, Áustria e Itália (nn. 9-10). A iniciativa não teve resultados positivos, porque a maior parte dos Estados consideraram as propostas do pontífice como favoráveis à causa alemã e não as levaram em consideração. Apesar disso, é plausível que:

O papa inspirava-se certamente num forte sentido do dever, na consciência de sua responsabilidade. Mas esperava, ao mesmo tempo, que o seu gesto pudesse ter algum resultado positivo e não tinha percebido bem o verdadeiro sentido das respostas alemãs, que aos poucos iam se tornando mais esquivas. No último ano da guerra, o papa manteve um eloquente silêncio sobre os problemas políticos, voltando sua atenção para os motivos estritamente religiosos, apoiando inclusive o despertar da devoção ao Sagrado Coração, em vista de uma renovação interior de todo o mundo contemporâneo. (Martina, 2014, pp. 138-139)

Diante do caos da Guerra, em geral, as posturas de Bento XV foram: condenação sem reservas do recurso às armas como meio necessário para resolver questões pendentes, reivindicar os próprios direitos ou afirmar a própria segurança e, ao mesmo tempo, atento cuidado para que os católicos se mantivessem distantes da forte tentação do nacionalismo, ou seja, de um amor exclusivo e indiscriminado pelo próprio país, em contraste ao universalismo cristão e à caridade; ajudar de todo modo possível as vítimas da guerra; esforço contínuo para impedir que o conflito se prolongasse e apressar o retorno à paz, com propostas concretas.

Ainda que, portanto, na própria Igreja houvesse quem apoiasse a Guerra como um meio irremediável, Bento XV teve a ousadia, neste caso evangélica, de se posicionar como realmente se deve, independentemente se agradaria ou não à determinada ala ou grupo eclesial. Aí repousa, pois, num primeiro momento, sua coragem e, ao mesmo tempo, sua força profética, em denunciar o que, realmente, não condizia com o que pregava o cristianismo.

### 3. Bento XV e os missionários

No dia 22 de outubro de 2017, quando a Igreja celebrava, naquele ano, o Dia Mundial das Missões, o Papa Francisco enviou ao cardeal Fernando Filoni, prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, uma carta aberta, por ocasião do centenário da promulgação da Carta Apostólica *Maximum Illud*, de Bento XV, do dia 30 de novembro de 1919.

Em sua carta, Francisco (2017) escreveu ao cardeal Filoni que, com aquele documento:

[...] o papa [Bento XV] sentiu necessidade e requalificar evangelicamente a missão no mundo, purificando-a de qualquer incrustação colonial e preservando-a daquelas ambições nacionalistas e expansionistas que causaram tantos reveses. [...] Assim Bento XV deu um particular impulso à *missio ad gentes*, esforçando-se, com os meios conceituais e comunicativos de então, por despertar, especialmente no clero, a consciência do dever missionário.

Francisco (2017), na carta enviada, também deixava claro o porquê de fazer a recordação da data:

Com espírito profético e ousadia evangélica, a Carta Apostólica *Maximum Illud* exortara a sair das fronteiras das nações, para testemunhar a vontade salvífica de Deus através da missão universal da Igreja. A aproximação do seu centenário sirva de estímulo para superar a tentação frequente que se esconde por detrás de cada introversão eclesial, de todo o fechamento autorreferencial nas próprias fronteiras seguras, de qualquer forma de pessimismo pastoral, de toda a estéril e nostalgia do passado, para, em vez disso, nos abrimos à jubilosa novidade do Evangelho.

A recordação feita pelo Papa Francisco, portanto, não era à toa: a seu tempo, a Carta Apostólica *Maximum Illud*, de Bento XV, foi importante para o desenvolvimento no campo das missões, a ponto de ser considerado o primeiro documento sistemático no campo da missiologia.

Àquela altura, as diferentes congregações ou ordens religiosas já estavam espalhadas pelo mundo todo, na tentativa de levar a Boa Nova de Jesus. A questão, porém, é que a partir da segunda metade do século XIX, a Europa estava sedenta por matéria prima para industrializar. Nesse ínterim, muitas potências tomaram nações da África e da Ásia para delas extrair o que precisavam. Em cada local, as nações europeias faziam suas colônias, e os missionários acompanhavam, dependendo da religião de quem estava no poder. Num dado momento, porém, colocou-se a seguinte questão: afinal, os missionários tinham por objetivo transmitir a Boa Nova ou fazer com que os povos aceitassem o domínio branco? É por essa razão que, no dia 30 de novembro de 1919, Bento XV, no contexto das missões na África e na Ásia, promulgou a Carta Apostólica *Maximum Illud*. Conhecendo o contexto, Bento XV desenvolve o texto em torno de cinco



pontos essenciais: condenando o feudalismo territorial, afirmando a necessidade da sincera colaboração entre as várias missões, destacando a urgência absoluta de formar um clero autóctone, condenando o nacionalismo exacerbado entre os missionários e exortando-os a aprender o idioma local.

Sobre o feudalismo territorial, a “condenação”, na verdade, é indireta, porque Bento XV diz: “Quanto seria reprovável a conduta daquele que, tendo-lhe sido atribuída uma parte da vinha do Senhor para cultivar, a considerasse como exclusividade sua, ciumento que outras mãos a toquem” (Bento XV, 2018, p. 15; MI 24). Para o papa, um verdadeiro missionário é aquele que, se for preciso, chama cooperadores de toda a parte para que o ajudem, independentemente de ser de outra Ordem ou nacionalidade. Essa observação, feita por Bento XV, deve-se ao fato de que, à época, a conduta era essa: quando o instituto religioso se aproximava, sentia-se dono daquela terra e não permitia a entrada de outro, porque acreditava ter exclusividade. Por isso, o alerta de Bento XV (2018) não é só com relação à acolhida de quem vem, mas também que cada missionário se importe com a sua “vizinhança”:

[...] o bom superior da missão não restringe sua ação somente ao seu território, desinteressando-se de quanto acontece fora dele; mas quando o requeira a caridade de Cristo ou a sua glória – a única coisa que a ele importe – buscar estar em relação com seus colegas de vizinhança. Na verdade, há muitas vezes interesses que se referem à mesma região, os quais não podem ser bem cuidados sem o comum acordo. (p. 16).

Sobre a formação do clero, a ideia de Bento XV era que os missionários estimulassem a presença de padres do próprio local, formando-os para que, no futuro, assumissem suas próprias comunidades – porque o comum era chegar no lugar e ali se instalar, com uma pretensão *ad aeternum*. Aliás, esse é, segundo Bento XV (2018), o critério para que o missionário saiba que alcançou êxito da missão: quando formar uma quantidade suficiente de clero nativo e bem instruído (p. 17). Bento XV foi incisivo ao constatar que, embora existissem nações que há séculos contavam com a presença de missionários, ainda não tinham bispos próprios que governassem a Igreja, e tampouco sacerdotes com formação adequada. Isto, escreve Bento XV (2018), “demonstra que ao formar o clero destinado às missões seguiu-se até agora aqui e ali um método muito defeituoso e deficiente” (p. 17). Por isso, o papa faz um apelo para que se vigie a formação dos padres nas diversas missões, de modo a não se criar o que ele mesmo chamou de clero inferior (Pinho & Falcão, 2019, p. 48).

Quanto ao nacionalismo exacerbado, um dos fatores que levava à Primeira Guerra Mundial, Bento XV (2018) escreve dizendo o quanto seria deplorável “se existissem missionários os quais, esquecendo da própria dignidade, pensassem mais à sua pátria terrestre que àquela celeste; e estivessem preocupados em dilatar o poder e a glória acima de todas as coisas” (p. 19). Esta postura, segundo o papa (2018), “reduziria a autoridade junto aos nativos” (p. 20). Para Bento XV (2018), o missionário deve sempre se recordar que não é um enviado de sua pátria, mas de Cristo e, por isso, não é estrangeiro à nação alguma (p. 20).

Por fim, o papa pede aos missionários que aprendam o idioma local que, para ele, os enviados devem ter como a principal de suas obrigações, lembrando que para nenhuma outra finalidade foram mandados senão para pregar o Evangelho (Bento XV, 2018, pp. 22-23). Bento XV (2018) impõe essa condição pensando, inclusive, nas relações diplomáticas:

Às vezes pode acontecer que como ministro e representante da santa religião ele deve comparecer diante das autoridades do país ou seja convidado para alguma reunião de doutos: e então como poderia sustentar o decoro do seu grau, se, por ignorância da língua, não soubesse exprimir os seus pensamentos? (p. 23).

Bento XV, na Carta Apostólica, ainda deu outros conselhos, como viver pobremente, confiar em Deus, permitir-se impulsionar pela caridade, orar, entre outros. O essencial é que, como escreveu Wolf (2017), com este documento:

Pela primeira vez, um papa tomou a sério o problema da inculturação do cristianismo ao rejeitar qualquer forma de eurocentrismo. A Igreja Católica devia portar-se como um organismo supranacional, capaz de adaptar-se a qualquer cultura. Devia dar-se atenção às línguas e aos valores de outros povos, em vez de impor-lhes simplesmente o sistema romano (p. 161).

Mais uma vez, porém, Bento XV foi mal compreendido: os missionários não gostaram de suas exortações, que mudariam o rumo da atividade missionária. Como, porém, o papa não se preocupava com impopularidade, disse o que precisava dizer, razão pela qual, talvez, seja o papa que desfruta de menos visibilidade no século XX.

#### 4. Por que falar de profetismo a partir do papa Bento XV?

O termo “profeta” deriva do grego *profetes*, que significa “alguém que fala diante dos outros”. Quase sempre denota alguém que faz uma revelação divina. O significado e a etimologia, porém, são incertos; muitos ligam o termo, que vem do hebraico *nabi*, a uma raiz acádica que significa “chamar”, “falar em voz alta”, e interpretam-no como “orador, anunciador” (McKenzie, 1983, pp. 677-678). Na definição clássica, a missão do profeta comporta dois momentos: *anúncio* da esperança e *denúncia* das injustiças.

Embora já se tenha dito, é possível falar numa atividade profética a partir de Bento XV pelo fato de, a seu tempo, o papa ter denunciado aquilo que não caminhava de acordo com o que prevê o Evangelho, em primeiro lugar; e, num segundo momento, por também propor caminhos novos para a solução dos problemas. Aqui só se fizeram dois recortes: em perspectiva *ad extra*, no seu envolvimento direto quanto à Primeira Guerra Mundial; *ad intra*, nas suas exortações aos missionários.

Na verdade, atualmente qualquer sinal de profetismo deve ser sinalizado com veemência, pois,

[...] hoje temos a sensação de que os Profetas com P maiúsculo se foram. Tempos secularizados, individualizados e líquidos nos sequestram o principal item da profecia: o cuidado, a consideração e a visibilização do outro. Profecia exige deslocamento do cuidado de si, para entrar no cuidado do outro. Essa é uma sensação ou será a constatação da intencionalidade da perda da visibilidade profética? (Souza, 2022, p. 59)

É claro que o pontificado de Bento XV, que se estendeu até 22 de janeiro de 1922, não se resumiu apenas no seu embate com relação à Guerra e na carta aos missionários. A ele, por exemplo, deve-se a canonização de Joana d’Arc, em 1920, o que ajudou no restabelecimento de relações diplomáticas com

a França, no pós-guerra. O papa também autorizou o encontro secreto entre o ditador italiano Benito Mussolini (1883-1945) e o cardeal Gasparri (1852-1934), na casa do conde Carlo Santucci (1849-1932), velho amigo do pontífice, a fim de iniciar o processo de regularização do lugar da Santa Sé na Itália (o resultado foram os Pactos de Latrão, de 1929).

No dia 28 de junho de 1917, Bento XV também promulgou o novo Código de Direito Canônico, que ficou conhecido como Código Pio Beneditino, cuja revisão havia sido iniciada por seu predecessor, Pio X, e em setembro criou também uma comissão para o interpretar. Bento XV também sonhava com a reconciliação entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente. Em 1920, proclamou Santo Efrém, que era um exegeta e teólogo sírio, como doutor da Igreja. Os turcos, em contrapartida, erigiram uma estátua de Bento XV em Istambul, que o aclamou como o “grande papa da tragédia mundial, benfeitor de todas as pessoas, independentemente da nacionalidade ou da religião” (Mcbrien, 2013, p. 363).

Sem dúvida, como se pronunciou o pesquisador da Faculdade de História da Universidade de Oxford, Patrick J. Houlihan (2017):

O papado de Bento XV foi um brilhante exemplo de defesa humanitária, tanto acima quanto abaixo do nível confuso e necessário da alta diplomacia. No nosso tempo, quando os políticos clamam pela frase de efeito (ou tuíte), a verdadeira liderança inspira através da humildade e da dedicação pessoais para servir às necessidades existenciais mais profundas dos outros.

Até mesmo Bento XVI (2005-2013), atualmente bispo emérito da diocese de Roma, na Audiência Geral de 27 de abril de 2005, disse:

[...] queria deter-me sobre o nome que escolhi como papa: Bento XVI, para unir-me, idealmente, ao venerado Bento XV, que governou a Igreja em um período atormentado pela I Guerra Mundial. Este pontífice, corajoso e autêntico profeta da paz, trabalhou com grande esmero, antes, para evitar a tragédia da guerra e, depois, para restringir suas consequências nefastas. (BENTO XVI, 2005)

Bento XV foi também o papa que anulou o *non expedit* que, com o decreto de 10 de setembro de 1874, proibia os católicos de participar da vida política.

## Considerações

Mondin (2007, p. 632) constata que a obra de Bento XV, depois do restabelecimento da paz, poderia ter se mostrado mais ampla. No entanto, quando tudo se encaminhava para uma maior serenidade, o papa faleceu vítima de uma broncopneumonia, aos 67 anos de idade. O mundo chorou pela sua grande caridade, ampla compreensão e ilimitada paternidade.

Das muitas virtudes que Bento XV pode mostrar à Igreja e ao mundo, sem dúvidas se destacam a sua coragem e, ao mesmo tempo, seu espírito profético, no sentido de não ter receio algum de dizer a verdade. Talvez, do ponto de vista diplomático, isso pode ter sido um grande problema. No entanto, a vida de todos é composta de acertos e erros e, em geral, foi plausível o esforço do papa de tentar pôr fim à Guerra.

Ao mesmo tempo, a tentativa de colaborar para que os missionários exercessem com maior fidelidade o seu ministério é igualmente marcada por coragem e, de certa forma, por alguma ousadia. Por mais óbvio que parecessem os alertas do papa, para a Igreja o esquema estava posto. Não é de hoje que o ambiente eclesial sofre com mudanças estruturais, e Bento XV soube apontá-la, ao menos em uma esfera.

É claro que a intenção aqui não é enaltecer e nem sair à defesa de determinado papa ou pontificado. No entanto, entre os pontificados de Pio X, o reformador, e Pio XI, famoso pelos Pactos de Latráo, estava também um bispo de Roma que soube encaminhar o que recebeu e, ao mesmo tempo, preparar o terreno ao que viria. A história não lhe pode ser ingrata, sob pena de ser injusta.

## Referências

- Bento XV. (2002). Carta Encíclica *Ad beatissimi apostolorum principis*. In: *Documentos de Pio X e de Bento XV* (pp.296-315). São Paulo: Paulus.
- Bento XV. (2018). *Carta Apostólica Maximum Illud*. Sobre a atividade desenvolvida pelos missionários no mundo. 1. ed. Brasília: Edições CNBB.
- Bento XV. (2002). Exortação *Dès le début* aos chefes dos povos beligerantes. In: *Documentos de Pio X e de Bento XV* (pp. 336-340). São Paulo: Paulus.
- Bento XV. (2002). Exortação *Ubi primum in beati*. In: *Documentos de Pio X e de Bento XV* (pp. 293-295). São Paulo: Paulus.
- Bento XVI. (2005). *Audiência Geral de 27 de abril de 2005*. Recolhido de: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2005/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20050427.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2005/documents/hf_ben-xvi_aud_20050427.html).
- Cotrim, G. (2005). *História Global*. Brasil e Geral. São Paulo: Saraiva.
- Francisco. (2017). *Carta do Papa Francisco por ocasião do centenário da promulgação da Carta Apostólica Maximum Illud*. Recolhido de: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2017/documents/papa-francesco\\_20171022\\_lettera-filoni-mese-missionario.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2017/documents/papa-francesco_20171022_lettera-filoni-mese-missionario.html).
- Hobsbawn, E. (2016). *Era dos Extremos*. O breve século XX. 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Houlihan, P. J. (2017). *Bento XV e a campanha esquecida para acabar com a grande guerra*. Trad. Moisés Sbardelotto. Recolhido de: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/570345-bento-xv-e-a-campanha-esquecida-para-acabar-com-a-grande-guerra-artigo-de-patrick-j-houlihan>.
- Martina, G. (2014). *História da Igreja*. De Lutero a nossos dias. IV – A era contemporânea. Trad. Orlando Soares Moreira. 3. ed. São Paulo: Loyola.
- McBrien, R. P. (2013). *Os Papas*. Os pontífices: de São Pedro a São João Paulo II. 3. ed. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola.
- McKenzie, J. L. (1983). *Dicionário Bíblico*. Trad. Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus.
- Mondin, B. (2007). *Dicionário Enciclopédico dos Papas*. História e Ensinos. Trad. José Joaquim Sobral. São Paulo: Ave-Maria.

**A coragem e o profetismo De Bento XV: Um necessário resgate histórico**

- Monsalve, J. D. V. (2016). Los Derechos Humanos y El Magisterio de la Iglesia durante La Gran Guerra del Siglo XX. *Cuestiones Teológicas*, v. 43, p. 109-131. <https://doi.org/10.18566/cueteo.v43n99.a05>
- Pinho, N. F. de; Falcão, S. de A. (2019). Algumas Considerações sobre o Magistério Pontifício para as Missões Anterior ao II Concílio do Vaticano (1919-1959). In: *Canoa do Tempo*, 10 (2), p. 40-55. <https://doi.org/10.38047/rct.d3.pp.40.55>
- Sondhaus, L. (2013). *A Primeira Guerra Mundial*, história completa. São Paulo: Contexto.
- Souza, A. (2022). A profecia na contemporaneidade à luz da referência de Dom Paulo, Profeta Arns. In: *Revista de Cultura Teológica*. Especial Dom Paulo Evaristo Arns, p. 56-75. <https://doi.org/10.23925/rct.iARNS.57039>
- Souza, N. (2020). *História da Igreja*. Notas Introdutórias. Petrópolis: Vozes. <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2020041>
- Wolf, H. (2017). História da Igreja Católica durante o “longo” século XIX de 1789 a 1918. In: Kaufmann, T.; Kottje, R. [et. al. org.]. *História Ecumênica da Igreja*. 3. Da Revolução Francesa até 1989 (pp. 87-188). São Paulo: Loyola, Paulus; São Leopoldo: Sinodal.